

Delia Fischer se apresenta no JClub nesta quinta



PÁGINA 4

Daniel Chagas se destaca em filme sobre a ditadura



PÁGINA 5

Conheça o atum bluefin, o mais caro dos peixes



PÁGINA 7

2º CADERNO

Monica Ramalho/Divulgação

Ana Costa lança o álbum 'Pra Recomeçar', com letras do jornalista Leonardo Lichote



Ana Costa e Leonardo Lichote: o jornalista escreveu as letras do álbum e soltará a voz nos shows de lançamento do disco

Parceria nascida de vivências cariocas

Sempre interessada em novos projetos e parcerias, Ana Costa lança o álbum "Pra Recomeçar", uma trabalho a quatro mãos com o jornalista Leonardo Lichote, que estreia como letrista. Nesta sexta-feira, a cantora e compositora inicia uma série de quatro shows gratuitos na cidade. O primeiro deles será neste sábado (31) no Teatro Ruth de Souza, dentro do Parque Glória Maria (antigo Parque das Ruínas), em Santa Teresa.

As demais apresentações seguirão até outubro nos bairros de Tijuca (6/9 no Centro da Música Carioca Artur da Távola), Bangu (14/9 na Areninha Hermeto Pascoal) e Madureira (4/10 na Arena Fernando Torres), graças aos recursos do Edital Viva o Talento. Jornalista conhecido no meio pela qualidade das suas reportagens musicais, Lichote cravou a voz na faixa-título do álbum e vai soltar o gogó nas apresentações, numa participação que ele chama de "afetiva".

O jornalista e agora compositor define o trabalho como "um

painel de canções que afirma uma declaração de princípios" que fala em alegria, movimento, nas ruas - sagradas e, por isso mesmo, profanas. "TRata-se de um modo de existência que Ana e eu desenvolvemos por sermos brasileiros, cariocas, filhos da música popular que este país construiu. É uma honra e um prazer enorme ter construído essa história com Ana, essa parceira igualmente talentosa

e generosa, que vive como canta e canta como vive".

Este é o sexto disco solo de Ana desde 2006, quando desponhou com "Meu Carnaval" (Zambo Discos) e foi eleita Cantora Revelação no Prêmio Rival Petrobras. De lá para cá, lançou o DVD "Pelos Caminhos do Som - Uma homenagem a Martinho da Vila" (Biscoito Fino, 2015) e participou de sete projetos especiais, en-

tre eles o disco feminista "Eu Sou Mulher, Eu Sou Feliz", encabeçado por ela e Zélia Duncan, ao lado de convidadas como Alcione, Fernanda Takai, Daniela Mercury e Elba Ramalho.

Nestes shows de lançamento, Ana Costa vai interpretar as parcerias e alguns de seus sucessos abraçada ao violão e acompanhada por Maurício Massunaga no violão, no bandolim e na direção musical,

e de Mateus Xavier e Geiza Carvalho nas percussões.

SERVIÇO

ANA COSTA - PRA RECOMEÇAR

Parque Glória Maria (Rua Murтинho Nobre, 169 - Santa Teresa)

31/8, às 19h

Entrada franca

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / ANA COSTA, CANTORA E COMPOSITORA

'A música é o meu oxigênio'

Monica Ramalho/Divulgação

Como surgiu a parceria com o Leonardo Lichote?

Ana Costa - Foi no Samba do Trabalhador, ali no Andaraí. Entre uma cerveja e um samba cantado, falamos sobre cultura, histórias do Rio, política, letras e melodias. Aí perguntei se ele fazia letra para música. Afinal de contas, adoro esse tipo de troca, coisa que faço frequentemente com minha parceira Zélia Duncan. Daí ele topou tentarmos uma parceria e mandei uma melô pra ele, que prontamente me respondeu com uma letra maravilhosa.

Como surgiram as músicas do projeto?

Depois que fizemos umas duas músicas, nos encontramos no Momo, um botequim que tem aqui na Tijuca, combinamos que faríamos uma série de músicas pra gravar um álbum. Era uma fase ainda difícil, estávamos saindo da pandemia e queríamos muito falar sobre coisas além do sofrimento daquele momento - era o que mais se falava na época, um sentimento de fim de mundo, quase! Queríamos falar também do futuro, da nossa ânsia de tempos melhores, queríamos falar como cidadãos que vivem numa cidade tão louca como o Rio sob a perspectiva de seres urbanos que somos, cada uma na sua luta e na sua realidade pós caos.

E a escolha dos convidados?

Um dos convidados é o próprio Lichote que, pela primeira vez, está cantando. Ele gosta de cantar e de tocar violão. Achamos que "Pra recomeçar", a música, deveria ser cantada por nós dois, pois é a música que encerra o disco e, principalmente, porque é uma mensagem que explica todo o nosso sentimento desde aquele encontro no Momo: "Quem samba sabe que sempre seguirá". A outra convidada, Juliana Linhares, foi sugestão do Lichote. Nós dois gostamos muito do trabalho da Ju e achamos que daria o maior pé ela cantar uma de nossas músicas.

Qual é a importância do projeto na sua carreira, Ana?

Diria que é uma extensão de tudo o que



venho traçando na minha cabeça desde 2009, quando lancei o segundo disco, "Novos Alvos". Trabalhei naquele álbum com a cabeça voltada pro futuro, abdiquei do posto de cantora de samba naquele momento e o povo achou esquisito. Sou uma artista muito curiosa, talvez esquisita mesmo (risos). Naquela época, paguei caro por isso, mas também abri a mente de muita gente. Fui buscar um produtor diferente, cantei coisas diferentes, compositores fora do universo do

samba, e esse movimento está registrado na minha discografia. Depois voltei aos discos de samba, mas nunca mais deixei de arriscar. O Lichote é um cara muito interessante. Ele tem uma veia marginal que me agrada e isso me estimula a criar sem amarras. Além do mais, em 2019 comecei a estudar produção musical, técnicas de áudio, síntese sonora e o "Pra Recomeçar" marca essa minha fase mais recente. Nele, pude colocar em prática muita coisa que aprendi. A importância dele? Sinto

um crescimento artístico, com mais coragem e conforto dentro do ambiente que eu mesma criei pra mim.

Qual é o recado do novo disco?

Quero passar ao público essa minha alegria e prazer em fazer música. Gostaria que as pessoas que curtem o meu trabalho soubessem que esse é o meu oxigênio: Estar a serviço da música é o que me garante um lugar nesse planeta. Daí vem a minha força. E que seja um motivo de inspiração para as pessoas, principalmente para as mulheres que vieram depois, que estão aí se perguntando: por onde eu começo? A resposta é: Invente!

E os seus objetivos com esse projeto?

Fazer shows, estar no palco com meus amigos tocando, cantando, rindo e que isso nos renda noites memoráveis. Pra nós e pro público. Vamos fazer agora uma turnê por quatro bairros cariocas: Santa Teresa, Tijuca, Bangu e Madureira, agora entre 31 de agosto e 4 de outubro. Ganhamos o Edital Viva o Talento, da Prefeitura do Rio, e o mais legal é que vamos apresentar o show de graça para o público. É só chegar, gente!

Vocês lançaram um single que deu o que falar antes do disco, não foi?

Lançamos e muita gente comentou nas nossas redes sociais. "Só a Maré" trata do desconhecido, do mistério que nos faz querer o risco, se jogar. Só aí se tem história pra contar. A sonoridade está clean, misturando violão, elementos eletrônicos e instrumentos de percussão mais exóticos como o Guiro, de origem africana e o Adufe, que é árabe. Tudo isso junto para trazer uma sonoridade bem particular, como se fosse um "slow motion bossa nova".

Falando em sonoridade, como construiu a sonoridade deste "Pra Recomeçar"?

Chamei o Maurício Massunaga para produzir esse trabalho porque ele é um cara do acústico, mas também é o cara que ouviu muito rock, metal e pop. Tem uma cultura musical bastante rica e a gente troca muito sobre sonoridades. Maurício também é um dos poucos músicos e produtores que presta uma atenção especial às palavras. Então, eu queria que a sonoridade do disco tivesse uma abordagem que dialogasse com as palavras, com a temática das letras. Penso que resultou num álbum que mostra a Ana Costa sambista conversando com várias "Anas" que vivem dentro dela.

Aquele clima de conversa caseira

Davi Moraes, Kassin e Marlon Sette unem seus repertórios em show instrumental no Manouche

A combinação de baixo, guitarra e trombone a serviço de uma sonoridade rica e envolvente. Esta é a proposta da reunião dos músicos Kassin, Davi Moraes e Marlon Sette que se apresentam nesta quinta-feira, às 21h, no Manouche. Parceiros musicais de muitos anos, os instrumentistas unem seus repertórios num show instrumen-

tal que nasceu num festival realizado recentemente no Audio Rebel.

O tem muita história na música e muitas delas juntos, entre gravações e shows e agora se epolgam com esta proposta que vai do suave ao suingado numa conversa se seus instrumentos com aquela intimidade caseira. “Estamos com esse propósito da mistura, de sair da rotina, o que é enriquecedor e prazeroso”,

Divulgação



Davi Moraes, Kassin e Marlon Sette mostram a combinação entre guitarra, baixo e trombone

Um repertório de afetos para artista e público

Verônica Sabino canta amor e poesia do cancionero de Chico Buarque

Por Affonso Nunes

Desde o ano passado, Verônica Sabino vem se dedicando a uma imersão no cancionero de Chico Buarque, que completou 80 anos em junho. Amor e poesia, diz ela, tecem o fio condutor que a leva a mergulhar na obra deste que é o maior compositor brasileiro vivo que se debruçou sobre o amor e o cotidiano de forma singular na música popular.

Ao lado do violonista e produtor musical,

Sérgio Chiavazzoli, a intérprete apresenta nesta quinta-feira (29), às 19h30, no palco do Teatro Rival Petrobras, o show “Todo Sentimento”.

Além da música que dá nome ao show, o repertório inclui “Maninha”, “Qualquer Canção”, “Apesar de Você”, “Samba do Grande Amor” e “Sabiá”. Mas há também outras canções já interpretadas e gravadas por Verônica em ocasiões anteriores, só que em novas releituras.

Questionada sobre o desafio de selecionar um repertório dentro da vasta obra de Chico, Verônica disse que se viu diante de “uma doce missão diante de um manancial de beleza”.

“Apesar de ser um show com esse viés do amor, esse espetáculo ‘Todo Sentimento’

Marcelo Castelo Branco/Divulgação



Verônica diz que seleção do repertório foi ‘uma doce missão’

também passa pelo samba, pelo samba-canção, pelo choro. Eu não podia deixar de trazer o ‘Samba do Grande Amor’ que eu amo e outras surpresas”, avisa. “Também chega aquele ponto do processo de seleção do repertório em que eu adotei o viés afetivo, da minha

explica Davi. O trio contará também com a participação de Antonio Dal Bó nos teclados e Estevan Barbosa na bateria.

Kassin é um aclamado produtor e baixista, conhecido por seu trabalho com a Orquestra Imperial, Los Hermanos entre outros. Davi Moraes, filho do lendário Moraes Moreira, é um guitarrista virtuoso com uma carreira que abrange colaborações com artistas como Caetano Veloso e Ivete Sangalo. E Marlon Sette é um trombonista talentoso, reconhecido por suas colaborações com grandes nomes da música brasileira como Ed Motta e Djavan e agora na banda do show dos irmãos Caetano e Maria Bethânia.

“Devido ao sucesso no festival instrumental da Audio Rebel, foi uma vontade geral levar esse show para nosso querido palco do Manouche, onde todos nós nos sentimos em casa”, anima-se Davi.

No repertório músicas autorais como “Samba Machine”, de Kassin, “Rei Salomão”, de Marlon, e “Só Nós Dois”, de Davi, e outras mais.

SERVIÇO

DAVI MORAES, KASSIN E MARLON SETTE

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 29/8, às 21h | Ingressos: r\$ 120 e R\$ 60 (meia solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

memória, vivências e momentos marcantes da minha vida onde, de alguma maneira, a canção do Chico esteve presente... desde a minha infância. Por exemplo: eu cantava ‘Sabiá’ quando era criança! E esse critério afetivo norteou essa seleção de repertório, um repertório que todos conhecem. Todos de alguma forma estão ligados a essas canções que vamos apresentar nesse show”, completa.

Filha do escritor mineiro Fernando Sabino (1923-2004), Verônica iniciou sua carreira musical nos anos 1990, lançando álbuns que obtiveram reconhecimento de crítica e público como “Verônica” (1993), “Vênus” (1995) e “Novo Sentido” (1997). Dona de um timbre firme e expressivo, fez sucesso tanto com seu trabalho autoral quanto com interpretações de clássicos da MPB e sucessos internacionais.

SERVIÇO

VERÔNICA SABINO - TODO SENTIMENTO

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) | 29/8, às 19h30 | Ingressos

CORREIO CULTURAL

Divulgação Globoplay



O *The Taste Brasil* é exibido no GNT desde 2015

Reality culinário do GNT, *The Taste* ganha chance na Globo

A Globo voltará a ter um novo reality show culinário na TV aberta após três anos. No ar desde 2015 no GNT, canal de variedades da empresa, o reality show *The Taste Brasil* será exibido em breve. A sétima temporada da produção, já gravada, vai ganhar chance em horário nobre da maior emissora do Brasil, com exibição semanal logo

Première

A programação da 28ª edição do Inffinito Brazilian Film Festival em Miami (EUA) começa nesta sexta (30), com a première internacional do filme “Meu Sangue Ferve Por Você”, uma recorte na trajetória do cantor Sidney Magal.

O Cravo e a Rosa

Uma das novelas mais amadas da nossa teledramaturgia, “O Cravo e a Rosa”, de Walcyr Carrasco, ganha adaptação para o teatro com direção de Pedro Vasconcelos. “O Cravo e a Rosa – O Espetáculo” tem estreia nacional no Teatro Prio no próximo dia 6.

após a novela das nove.

A temporada terá exibição em simultâneo com o GNT, que terá a primeira janela, como acontece com o *Conversa com Bial*.

O *The Taste Brasil* uma versão do programa americano *The Taste* em que os participantes são divididos em quatro times e participam de diversas provas.

Para rever

O longa “Estômago”, que após 17 anos terá sua sequência lançada nos cinemas nesta quinta (29) será exibido no Canal Brasil, na mesma data. O filme de Marcos Jorge é estrelado por João Miguel, Fabiola Nascimento e Babu Santana.

Multiartista

Almir Chiaratti lança o livro “Fissão” em evento gratuito com música e poesia no Sesc Duque de Caxias neste sábado (31), às 15h. O multiartista prepara novos projetos para este ano, incluindo seu terceiro álbum de carreira e o segundo livro de poesia.

Pianista, cantora e compositora, Delia Fischer é a atração desta quinta-feira (29), às 21h, do projeto *Bossa Nova e MPB in Concert*, do JClub da Casa Julieta de Serpa. Em seu repertório, a artista apresenta suas versões para clássicos da canção brasileira como “Andar Com Fé”, de Gilberto Gil; “Cais”, de Milton Nascimento; e “Clube da Esquina 2”, de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges. E também seu trabalho autoral como “O Mar e a Sereia”, “Song of Self-Affirmation” e “What Good Is Summer?”, seu single mais recente, lançado no primeiro semestre. Trata-se de uma bossa nova clássica, feita em parceria com o músico Márcio Nucci.

Delia explica que a canção havia sido lançada pelos dois em 2020 com o título de “Samba Sem Verão”, em português. Agora, chega ao streaming na versão para o inglês do jornalista e pianista de jazz norte-americano Allen Morrison, sendo rebatizada.

Morrison conta que conheceu o trabalho de Delia quando ouviu o álbum “Tempo Mínimo” (2019), indicado na categoria de melhor álbum de MPB no Grammy Latino, e fez uma resenha do trabalho para a conceituada revista *DownBeat*. “Quando escutei ‘Samba Sem Verão’ achei lindo, parecia uma música desconhecida do Tom Jobim. Perguntei se alguém havia feito uma versão em inglês e Delia me convidou para escrevê-la. Ela gostou do resultado e passamos a trabalhar em outras canções”, diz Morrison.

Com duas indicações ao Grammy Latino de Melhor Álbum de MPB, Delia iniciou sua trajetória em 1988 como parte do premiado Duo Fenix, ao lado de Claudio Dauelsberg. Eles participaram de festivais prestigiados como o Montreux Jazz Festival. Em sua carreira solo, o álbum “Presente” (2010) foi um marco em sua carreira ao revelar sua habilidade como cantora e compositora. O projeto contou com colaborações estelares de Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal e da cantora Ana Carolina.



Delia Fischer vai mesclar releituras de clássicos da MPB com seu trabalho autoral

Entre releituras e o trabalho autoral

Pianista, cantora e compositora, Delia Fischer se apresenta nesta quinta no palco do JClub

Além disso, trouxe parcerias com letristas como Thiago Picchi, Sergio Natureza e Camila Costa.

Além de cantar e compor, Delia também ocupa o cargo de diretora musical em diversos espetáculos musicais, entre eles: “Milton Nascimento: Nada Será Como Antes”, “Elis A Musical”, “Chacrinha, O Musical” e “Garota de Ipanema, O Musical da Bossa Nova”.

Completa o line-up do *Bossa Nova e MPB in Concert*: Jota.pê que, excepcionalmente, fará show na sexta-feira da próxima semana,

dia 6. Repetindo a ação social iniciada no ano passado, o projeto ultrapassa o espaço de sua casa, o JClub, e promoverá um show gratuito do Samba que Elas Querem no dia 26 de setembro, às 20h, na Casa das Mulheres da Maré.

SERVIÇO

DELIA FISCHER
JClub - Casa Julieta de Serpa (Praia do Flamengo, 340 - 1º andar) | 29/8, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

ENTREVISTA / DANIEL CHAGAS, ATOR, DIRETOR TEATRAL, ESCRITOR E TARÓLOGO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Há uma semana, um filme de CEP paranaense chamado “Entrelinhas” atingiu o circuito brasileiro - em cheio - com um novo (e necessário) olhar sobre os anos de chumbo, revisitando o governo de farda do início da década de 1970 sob um novo prisma territorial, vitaminado por atuações de peso. A interpretação do carioca Daniel Chagas é um dos eixos centrais de excelência do drama histórico de tons políticos dirigido por Gusto Pasko, que arrebatou elogios ao mostrar os efeitos nefastos do regime militar no governo (e na sociedade civil) do Paraná.

Com cerca de 30 peças teatrais num currículo salpicado de novelas e filmes, o ator hoje integra as companhias Cia da Ideia e a Definitiva Cia. de Teatro. Tarólogo respeitado (e concorrido) por seu dedicado estudo da espiritualidade, Chagas também é escritor e professor da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Na entrevista a seguir, ele explica ao Correio da Manhã como se deu a construção da figura de Borges, sintetizando o espírito de um tempo de repressão.

Como foi o processo de criação com Gusto Pasko para a criação de uma figura tão cheia de imposições quanto o Major?

Daniel Chagas - Gusto é um diretor e roteirista muito consciente do que quer e de como ele enxerga cada personagem. Quando fui escalado para viver o Major Borges, ele já sabia o que eu poderia oferecer como ator e conduziu as indicações com precisão para que chegássemos neste ponto. O nosso trabalho conjunto foi para desenvolver as nuances do Borges, de encontrar os espaços de humanidade numa figura que precisava alcançar camadas subjetivas para além da “maldade pura e simples”. Não queríamos deixar o Borges chapado como uma espécie de vilão maniqueísta. Gusto me contou que, num dos primeiros tratamentos do roteiro, a família do Major integrava o filme e era possível ver ali um homem carinhoso, um pai cuidadoso. Naturalmente estes personagens precisaram sair do roteiro para que a narrativa focasse nos acontecimentos da prisão e do tormento vividos pela personagem central do filme, mas mantivemos o pano de fundo. É imprescindível citar o trabalho desenvolvido nos ensaios com a preparadora Jaciara Rocha e com meus colegas de cena; a vida de um personagem se faz no encontro e na interação com os outros e tive a honra de contracenar com atrizes e atores imensamente

‘A ditadura atingiu mais pessoas do que nossa memória pode lembrar’

Divulgação



Daniel Chagas. ator, diretor teatral, tarólogo e escritor

generosos que me potencializaram dentro e fora de cena: Gabi, Leandro, Eduardo, Renet, Patricia e Mauro. Que honra!

De que maneira seu personagem desenha o papel armado do estado durante a ditadura e o que o filme trouxe de mais surpreendente em relação ao lugar do Paraná na cronologia dos anos de chumbo?

É importante entendermos o contexto histórico e parte da estrutura da polícia política no Brasil da época. O golpe de 1964 fez com que as DOPS (Delegacias de Ordem

Política e Social), que antes eram relativamente autônomas, fossem reestruturadas e subordinadas ao Serviço Nacional de Informações (SNI). Nesse novo contexto, as DOPS passaram a desempenhar um papel central na repressão política. O Major Borges é o militar destacado para coordenar as ações desta DOPS que investiga uma operação clandestina de armas pela VAR-Palmares. A tríplice fronteira no Paraná (Brasil-Argentina-Paraguai) era de grande importância para o regime. Daí a relevância da vigilância desta região, pois os movimentos contra o re-

gime utilizavam também essa fronteira para a transação de suprimentos e informações. Conhecer fatos ocorridos no Paraná, como os retratados no filme, com uma estudante que permaneceu quase anônima até hoje (a não ser pelo duro depoimento de Ana Beatriz Fortes na Comissão da Verdade), revela que a ditadura militar foi muito mais extensa e atingiu muito mais pessoas do que nossa memória histórica limitada consegue lembrar.

Você também é um escritor. De que forma a literatura abre novos horizontes na sua forma de lidar com o texto teatral e com roteiros?

Todas as formas de arte são caminhos de conexão com a arte cênica. Como ator, eu procuro me alimentar de diversas referências no momento de criação e desenvolvimento de um personagem. A literatura não foge a esse processo e a minha própria escrita faz parte do caminho. Um personagem tem sempre mais vivências e mais camadas do que as expostas no roteiro, então, para alguns personagens, eu me permito escrever os mais variados conteúdos. Valem desde pensamentos ou cartas do próprio personagem, até crônicas ou contos sobre ele. Muito é produzido e depois há uma síntese, uma “limpeza”, para que o material essencial fique no corpo, nos afetos e nas ações do personagem. Na prosa, eu tenho um livro publicado, que se chama “Entre”. Tenho desejo de publicar outros e existem até dois projetos iniciados, mas estacionados nas minhas gavetas virtuais.

Que novos projetos você tem pela frente e o quanto eles também exploram a sua veia de diretor e autor?

Neste momento estou em turnê com o espetáculo de dança-teatro “O Corpo Que Eu Habito”. Estamos indo para Belém, São Luiz, Rio e Vitória. Nesse projeto, eu assino como dramaturgo um processo colaborativo de pesquisa de textos autorais de cada intérprete-bailarino. Acabei de ser aprovado para uma participação numa série norte-americana de streaming, mas ainda não posso revelar muita coisa. Em novembro, estreio com a Definitiva Cia. de Teatro o espetáculo “Bendegó”, aqui no Rio. Estou trabalhando como preparador de elenco no solo “Selva-Solidão”, do diretor Jefferson Almeida, com o ator Vinicius Teixeira. Sigo com meu trabalho como professor de interpretação para audiovisual na CAL, a Casa das Artes de Laranjeiras. Para o ano que vem, planejo estrear meu primeiro solo teatral como ator.

Voos altos de quem teve asas cortadas

Musical 'A Lira dos Vinte Anos' retrata os sonhos libertários da juventude durante os anos de chumbo

Adaptação que celebra o legado da música brasileira que nasceu no arenoso solo dos anos de chumbo da ditadura militar no Brasil, "A Lira dos 20 Anos - O Musical" será encenada na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, com estreia neste domingo (1º). Baseado no texto teatral de Paulo César Coutinho, o espetáculo

resgata a memória dos estudantes, trabalhadores, artistas e de todas as corajosas vozes que, apesar de terem suas asas cortadas, voaram alto demais antes do tempo.

Esta adaptação intensa narra a jornada de seis jovens idealistas que, ao explorarem as descobertas da juventude, percebem que a liberdade é um sonho que exige coragem. Eles enfrentam



Marcella Matsumoto/Divulgação

Elenco do espetáculo 'A Lira dos Vinte Anos', uma ode à liberdade em tempos de arbítrio

dilemas pessoais, o terror do regime e a pressão para agir, muitas vezes resultando em tragédias. Temas como liberdade, machismo e homofobia são abordados

com uma sinceridade poderosa, demonstrando que os gritos do passado permanecem atuais e ressoam nas falas e músicas dos personagens. A memória dessa

época não será esquecida, graças à nossa escuta atenta e constante.

Protagonizada por Antonia Medeiros, ex-participante do reality show *The Voice Brasil* (Globo), a montagem se destaca como um musical jukebox inovador, incorporando músicas emblemáticas do período da ditadura militar. Com 19 atores no elenco, o espetáculo oferece uma visão impactante da memória nacional dos anos de chumbo, utilizando canções que marcaram a resistência cultural da época.

O projeto conta com direção cênica de Menelick de Carvalho, direção musical e arranjos de André Poyart, preparação vocal de Anna Priscilla Lacerda e coreografias de Soraya Bastos, prometendo uma experiência teatral emocionante e inesquecível.

SERVIÇO

A LIRA DOS VINTE ANOS

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema) De 1 a 4/9, domingo (15h e 19h) | segunda a quarta-feira (19h) Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Enquanto isso no futuro...

Espectáculo 'Pandemônio' retrata perseguições num regime autoritário

Em um futuro próximo a intolerância assume o poder, artistas, professores, políticos e religiosos contrários ao Novo Regime são perseguidos e executados sem possibilidade de defesa. A atriz Kika (Jessica Marques) e o pastor Anton (Pedro Carvalho) se encontram refugiados há meses em um bunker. Logo na primeira cena os dois são encontrados e morrem. Por que estavam lá? O que fizeram? Como foi que tudo começou?

Numa narrativa que vai de trás para frente, o público vai desvendando os acontecimentos passados

ao longo de "Pandemônio", espetáculo em cartaz no Teatro Poeirinha, em Botafogo. Através dessa convivência inusitada e intensa entre uma atriz e um pastor, são colocados em xeque ideais, medos, sonhos e, sobretudo, verdades. "Pandemônio", com texto do aclamado autor de novelas Alessandro Marson, sob a direção de Breno Sanches, vem sendo idealizada faz tempo.

"Escrevi a primeira versão do texto há dez anos", relembra Marson. "Inicialmente, a peça tinha um elenco maior e um texto mais prolixo e teórico. Porém, após revisões,



Aralume Fotografia/Divulgação

Jéssica Marques e Pedro Carvalho em 'Pandemônio'

percebi que precisava de um foco mais aguçado. A narrativa explora a hipótese de um regime autoritário dominado por uma ideologia religiosa ultraconservadora." O contexto atual, com uma tentativa de golpe de estado de grupos extremistas e uma pandemia global, reavivou o interesse pela peça. "Durante a pandemia, um amigo ator estava explorando leituras online e me

pediu um texto inédito, então eu decidi revisitar "Pandemônio". Vi nisso uma oportunidade de transformar o texto, adaptando-o para dois personagens principais. Essa nova abordagem deu clareza ao que eu queria expressar."

O grande desafio era escrever um espetáculo fora da ordem convencional. "Ao contar uma história de trás para frente, é crucial revelar

desde o início o destino dos personagens. Isso exige uma construção cuidadosa para garantir que o impacto final seja potente", diz Marson, que escreveu sucessos como "Novo Mundo" (2017) e "Nos Tempos do Imperador" (2021) e "Elas por Elas" (2024).

Esse desafio do dramaturgo se estende à direção, com o cuidado que Breno teve em criar um universo distópico que transcende fronteiras nacionais. "Este porão, onde a história se desenrola, poderia ser qualquer lugar. Reflete preocupações universais e atemporais, abordando temas que ressoam em diferentes épocas e culturas", comenta Sanches.

SERVIÇO

PANDEMÔNIO

Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo) Até 1/9, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h) Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35,00 (meia)

Por Flávia G. Pinho (Folhapress)

O apelido wagyu dos mares cai como uma luva no bluefin, atum que se tornou a estrela dos restaurantes de cozinha japonesa. Com alto teor de gordura, que equivale ao marmoreio do kobe beef, o peixe é o mais caro do mundo.

Em Tóquio, onde é vendido em leilão, um bluefin de 278 quilos foi arrematado, em 2019, por US\$ 3,1 milhões (R\$ 17 milhões). Pessoas familiarizadas com o setor garantem que os leilões não passam de golpe de marketing, para manter o status (e os preços da mercadoria). Até pode ser, mas os bluefins que chegam ao Brasil estão longe de ser baratos.

No restaurante paulistano Atsui, no Jardim Paulista, o sashimi de barriga de bluefin, o corte mais valorizado pelo alto grau de marmoreio, custa R\$ 56 - este é o preço de uma única fatia de peixe. No Aima, no térreo do shopping Iguatemi, o par de sushis com o mesmo corte sai por R\$ 136.

Considerado um dos maiores especialistas em atum no Brasil, o chef André Saburó Matsumoto, do restaurante Quina do Futuro, em Recife (PE), explica que o *Thunnus thynnus*, nome científico do bluefin, é a espécie de atum que mais acumula gordura na barriga.

“Esse pneuzinho, que se chama otoro, é mesmo como um wagyu (carne bovina com gordura entremeadada na fibra muscular e, por isso, extremamente macia), todo marmorizado, de coloração rosada de tanta gordura. Quando a gente come, enche a boca.”

Outros cortes também são apreciados, mas custam menos. Entre eles estão o akami, ou lombo, próximo à espinha dorsal, bem vermelho por ter menos gordura, e o chutoro, entre a barriga e o lombo, com cor e teor de gordura intermediários.

A espécie vive em águas profundas, na porção norte dos oceanos Atlântico e Pacífico, e atinge grande velocidade.

Segundo o oceanógrafo Rodrigo Sant’Ana, pesquisador da



Sushi e sashimi de bluefin, da rede de restaurantes Kitchin

O peixe mais caro do mundo

Universidade do Vale do Itajaí, o acúmulo de gordura é fruto da alimentação. “O bluefin tem a mesma capacidade dos outros atuns de controlar a temperatura do corpo. Mas, como cresce muito, precisa de uma dieta considerável à base de sardinhas, lulas, anchovas e moluscos.”

De vez em quando aparece um bluefin no nosso litoral, entre o Norte e o Nordeste. No entanto, sua pesca é proibida - em 2014, o *Thunnus thynnus* entrou na Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção do Ministério do Meio Ambiente e nunca mais saiu de lá.

De fato, a alta demanda, sobretudo no Japão, fez o bluefin quase sumir do mapa. Em 2021, porém,

Conheça o atum bluefin, cobiçado peixe que ganhou a alcunha de wagyu dos mares

ele foi retirado, pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), da lista de espécies ameaçadas. A pesca voltou a ser autorizada, mas sob rígido controle dos estoques. No mar Mediterrâneo (que é parte do Atlântico), de

onde vem boa parte dos bluefins consumidos no Brasil, a fiscalização cabe à Comissão Internacional para Conservação dos Tunídeos do Atlântico (ICCAT), que determina cotas anuais para cada país.

Como a captura de atuns selvagens em alto mar exige que os peixes passem por ultracongelamento dentro do barco, o que encarece toda a cadeia, as chamadas fazendas de engorda se tornaram as grandes fornecedoras do mercado internacional.

Uma delas é a espanhola Balfegó, que abastece as importadoras brasileiras. Entre 26 de maio e 13 de junho, sua frota capturou, nas águas do Mediterrâneo, as três toneladas de bluefin a que tinha

direito - a diferença é que os peixes não são pescados, mas cercados e conduzidos para uma estrutura flutuante no litoral espanhol, onde continuam a ser alimentados.

O abate acontece aos poucos, sob demanda. Mergulhadores usam pistolas para atordoar os atuns, sem machucá-los, e os levam para o barco, onde é aplicada a técnica japonesa chamada *ikejime* - a inserção de um objeto pontiagudo, na cabeça, provoca a morte instantânea, sem sofrimento.

A partir deste momento, começa a corrida contra o tempo. Na sede da Balfegó, em Barcelona, o bluefin é eviscerado, embalado em isopor com gelo e despachado de avião.

Rafael Barata, diretor de comércio exterior da Frescatto, que importa até cinco bluefins por semana, recebe o peixe fresco, apenas três dias após o abate. “Assim que o peixe sai da água, me avisam o peso da peça. Calculo então a divisão dos cortes e começo a oferecer aos clientes. Tudo é muito rápido. Recebo o bluefin hoje e, amanhã, os cortes chegam aos restaurantes de Rio e São Paulo.”

É raro haver bluefin à venda no varejo, mas até isso começa a mudar. A Frescatto eventualmente oferece cortes frescos nas duas lojas próprias - 400 gramas de akami (lombo) saem por R\$ 196.

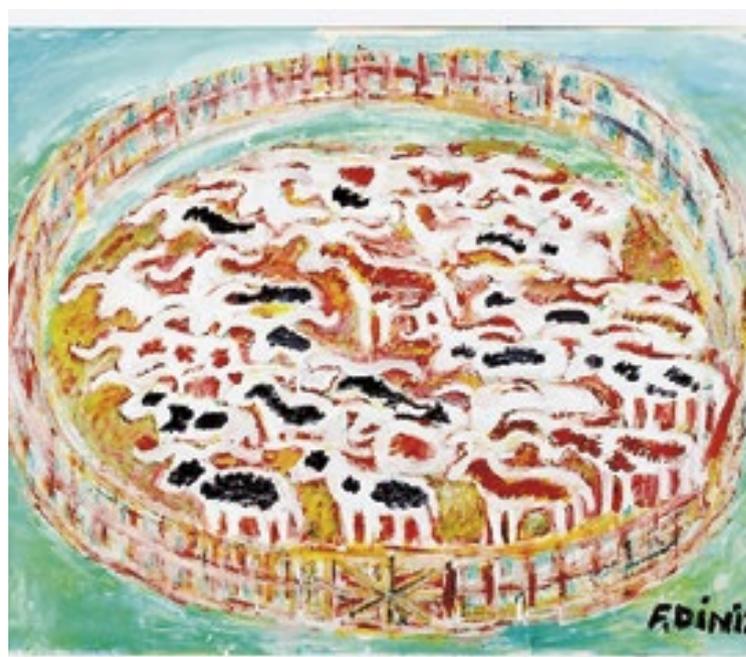
A gaúcha Frumar, que também importa bluefin da Espanha para restaurantes de alta gastronomia, já tem um rótulo pronto para lançar cortes frescos no varejo. Segundo o diretor Eder Krummenauer, a novidade desembarca nos empórios paulistanos em outubro. “O quilo do lombo deve chegar ao consumidor final por R\$ 550, enquanto a barriga vai custar cerca de R\$ 900 o quilo”, antecipa.

Segundo Saburó, é fácil identificar o verdadeiro bluefin - mas só no caso da barriga. “Não há outros atuns com a mesma cor e grau de marmoreio”, diz. Já a identificação dos demais cortes exigem olho mais treinado. O vermelho do bluefin, ele compara, é sólido, enquanto o atum brasileiro é translúcido. “Se você põe contra a luz, a luminosidade passa.”

Galeria do Espaço Cultural BNDES reabre com exposição que reúne trabalhos de artistas negros pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes



Da série *Rasurando Fidanza* (2023), de PV-Dias



Curral com Animais (1998), de Fernando Diniz



Objeto Emblemático nº 5 (1969), de Rubem Valentim

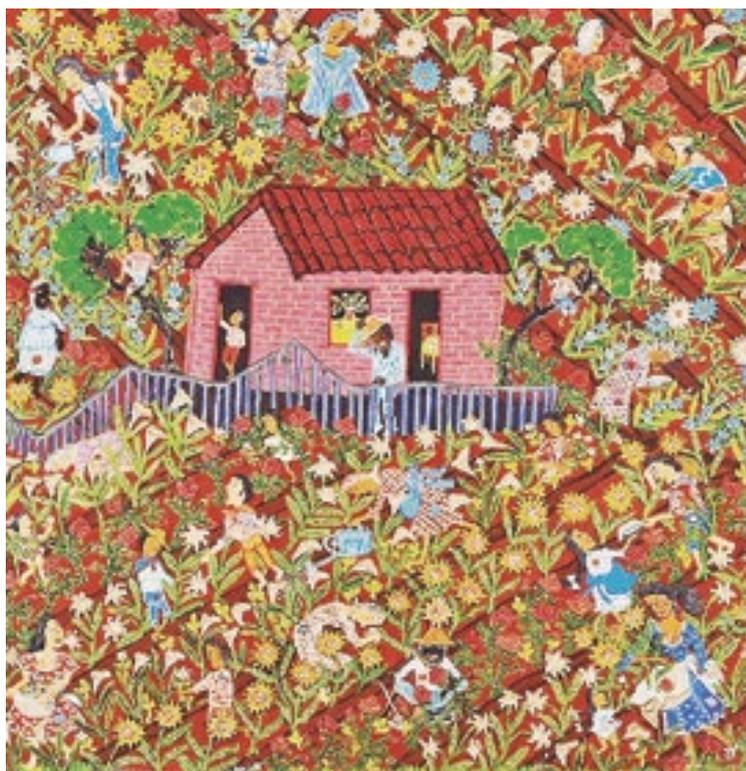
A hora do protagonismo

A galeria do Espaço Cultural BNDES retorna às atividades nesta quinta-feira (29) com a abertura da exposição “Pretagonismos”, um recorte do precioso acervo do Museu Nacional de Belas Artes que reúne 105 obras de 59 artistas, 46 negros e 13 brancos, que retratam pessoas negras, para apresentar o protagonismo do artista negro neste acervo, que é um dos principais depositários do patrimônio artístico do país. O trabalho mais antigo data do fim do século 18 e o mais recente, de 2023.

O corpo curatorial da mostra – Amauri Dias, Ana Teles da Silva, Cláudia Rocha e Reginaldo Tobias de Oliveira, todos da equipe permanente do MNBA - quer frisar as trajetórias de luta, resiliência, transgressão e heroísmo desses negros em uma sociedade que ainda hoje é varada pelo racismo.

A exposição sela o recente acordo de cooperação técnica entre o banco e o museu, que está em reforma física e conceitual desde o segundo semestre de 2019.

“Já tínhamos reaberto o Espaço Cultural BNDES com uma programação de música às



Colheita de flores (1972), de Maria Auxiliadora

quintas e sextas e, agora, com a retomada das exposições de artes visuais, vamos levar ainda mais cultura gratuita à população”, afirma o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante. “Essa exposição ‘Pretagonismos’ é emblemática, pois desafia e questiona os padrões de representação e coloca artistas negros no protagonismo

da arte e da história. Tudo isso é motivo de orgulho para o BNDES, que busca promover uma sociedade mais justa e diversa,” completa.

“Esta mostra é mais um passo significativo na construção de uma narrativa inclusiva e justa no panorama artístico nacional que, diante das urgências contemporâ-



Ninfa Eco (sem data), de Mestre Valentim

neas, evidencia fissuras, forçando o olhar para uma noção de beleza e de poética mais integrativa”, destaca Daniela Matera, diretora do Museu Nacional de Belas Artes.

Até chegar à concepção desta exposição, os curadores aprofundaram a pesquisa que começou em 2018, com a mostra *Das galés às galerias*: representações e pro-

tagonismos do negro no acervo do MNBA, em que múltiplas interpretações do negro e do legado afro-brasileiro vão se constituindo na construção desta nação.

“Queremos avançar no protagonismo de artistas negros, muitas vezes invisibilizados pelas instituições. Com ‘Pretagonismos’, aprofundamos a pesquisa sobre os protagonismos negros neste museu de origem acentuadamente eurocentrada”, diz o texto da curadoria, que organizou o percurso da exposição em núcleos não cronológicos: Mestres negros pioneiros; Nas brechas das representações: imagens e trajetórias de negros no acervo do Museu Nacional de Belas Artes; Entre a cátedra e o cativo: professores negros; Estevão Silva: transgressões e prenúncios da modernidade no MNBA e Decolonialidade em perspectiva: um olhar sobre os artistas negros.

SERVIÇO

PRETAGONISMOS

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile 100 – Centro)
De 29/8 a 14/2/2025, de segunda a sexta (10h às 19h)
Entrada franca